

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.729>

ENTRE EXPOSIÇÃO E CONTROLE: o luto e o sofrimento feminino nos ritos fúnebres em representações de vasos gregos¹

BETWEEN EXPOSURE AND CONTROL: mourning and female suffering in funeral rites in representations of Greek vases

ENTRE EXPOSICIÓN Y CONTROL: el luto y el sufrimiento femenino en los ritos fúnebres en representaciones de vasos griegos

CAMILA ALVES JOURDAN
Doutora/UFRJ²/ NEREIDA-UFF
Rio de Janeiro/RJ/Brasil
camilaajourdan@gmail.com

Resumo: Quando a temática de morte passa a ser analisada a partir de uma perspectiva histórica, podemos abordar um grande número de interligações com outras esferas que compõem a realidade. Portanto, neste sentido, neste estudo de caso, pretendemos inferir sobre a questão do papel feminino na realização dos ritos funerários e o interesse no controle das emoções femininas pelo legislador Sólon em Atenas no século VI a.C. Para tanto, empreenderemos a análise de dois vasos de diferentes períodos de produção, no qual é visível o papel das mulheres com relação ao seu sofrimento.

Palavras-chave: Morte. Grécia. Mulher.

Abstract: When the death issue starts to be analyzed from a historical perspective, we can approach a large number of interconnections with other sectors that form reality. Therefore, in this case study, we intend to infer about the question of the female role in the performance of funeral rites and the interest in the control of feminine emotions by the legislator Solon in Athens in the 6th century BC. Thus, we will perform the analysis of two vases of different periods of production, in which the role of women in relation to their suffering is visible.

Keywords: Death. Greece. Woman.

Resumen: Lorsque la thématique de la mort commence à être analysée dans une perspective historique, nous pouvons aborder un grand nombre d'interconnexions avec d'autres secteurs qui composent la réalité. Par conséquent, dans cette étude de cas, nous avons l'intention d'inférer sur la question du rôle féminin dans l'exécution des rites funéraires et de l'intérêt du législateur Solon à contrôler les émotions féminines au VIème siècle av. J-C. Pour cela, nous effectuerons l'analyse de deux vases de différentes périodes de production, où le rôle de les femmes sont visibles en ce qui concerne la souffrance.

Palabras clave: Mort. La Grèce. Femme.

- A morte e os ritos fúnebres como uma questão social

Ainda que a temática da morte na antiguidade grega tenha sido amplamente estudada sob diversos aspectos³, suas abordagens podem nos aproximar de questões atuais. A

¹ Estudo de caso submetido à avaliação em fevereiro de 2019 e aprovado para publicação em junho de 2019.

² Professora Substituta de História Antiga na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

morte para os gregos faz parte da “vida da *pólis*”, não porque é um fenômeno biológico inerente à vida humana, mas visto que suas práticas possuem tanto um caráter privado quanto público, adquirindo significados diretos às transformações e relações no corpo social *políade*. As preocupações das práticas fúnebres existiam na tensão das devidas ações familiares, como a manutenção do túmulo e dedicar as devidas honras ao defunto, com aquelas que eram instituídas pela cidade, como a dedicação de dias específicos e festivais consagrados aos mortos. Desta maneira, a atenção com os mortos e a morte era também de ordem social, como parte da preocupação econômica que os legisladores deviam prestar⁴.

Neste aspecto inserem-se os ritos funerários, que efetivamente demarcam o final da vida e a transposição do morto ao seu novo lugar de ocupação, através do estabelecimento dos marcos visíveis – como a tumba e a estela funerária – e das ações de homens e mulheres ao longo do processo – onde se tem a limpeza e ornamentação do finado, a exposição do corpo, a entoação de cantos e a apresentação do luto e da dor sentidos. Os ritos fúnebres são estruturados para servir de resposta afetiva aos sucumbidos, mas também como uma resposta social, pois assim não permitem que se apaguem os feitos do finado da memória individual e da memória social/coletiva, pois “[...] se os vivos conhecem seu nome, o morto continua um pouco vivo”⁵. Para além das questões do público e do privado, o esquecimento e a rememoração por parte dos que permanecem vivos também marcam uma tensão no corpo social, uma vez que os rituais mortuários atuam como continuidade após um processo de perda, no qual buscam compreender as novas vinculações sociais dos vivos na ausência do elo que pereceu.

A existência do rito funerário tem também como sua idiosincrasia o sentimento de luto dos entes que permaneceram. À vista disto, fundamentando-se no luto e no esforço de suplantá-lo, os ritos vinculados à morte representam um conjunto de condutas culturais de considerável relevância e que dispõem da função de constituir uma memória coletiva sobre o morto⁶. Como enfatiza Márcia de Medeiros, “o luto é uma forma de interiorização do defunto, e o ritual funerário, nesse processo, apenas uma maneira de demonstrar visualmente e de forma exterior essa interiorização”⁷. Partindo, portanto, destes pressupostos, é notável como a

³ Desde meados do século XIX a historiografia já começava a refletir sobre os ritos fúnebres na *pólis*. As obras de N. D. Fustel de Coulanges, *A cidade Antiga*, e de Jacob Burckhardt, *História da Cultura Grega*, são marcos precursores nesse sentido de pontuar na documentação textual passagens acerca dos rituais de morte.

⁴ BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 376 – 379.

⁵ RODRIGUES, J.C. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 12.

⁶ MEDEIROS, M. M de. Concepções historiográficas sobre a morte e o morrer: comparações entre a ars moriendi medieval e o mundo contemporâneo. *Revista Outros Tempos*, v. 5, n. 6, p. 154, dez. 2008.

⁷ Ibid.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

morte e os ritos que lhe são imputados em sua sequência possuem um caráter fortemente vinculado à sociedade em que o defunto e seus entes estão circunscritos, inclusive a maneira de suas expressões de sofrimento. Assim, as ações realizadas como parte do enterramento servem-nos para compreender a vida e as relações dos grupos em sociedade⁸. Os rituais fúnebres têm, por conseguinte, a capacidade de manutenção da ordem social, tanto no mundo dos vivos quanto dos mortos.

A relevância dos rituais funerários pode ser atestada na sociedade políade desde a *Ilíada*⁹, considerada como a primeira obra grega. Mesmo em um contexto agonístico não há a ignorância da necessidade de realização das honras fúnebres aos mortos em batalha, ao ponto de ser apresentado no canto VII o acórdão entre o rei troiano Príamo e o rei heleno Agamêmnon para a efetivação de uma interrupção durante o conflito na qual deviam ser executados corretamente os rituais mortuários (*Ilíada*, VII, vv. 375 – 378; vv. 408 – 411). Portanto, entre os helenos – desde a tradição oral do século VIII a.C e suas reminiscências no período Clássico – os ritos funerários possuem relevância social, onde pode ser vista certa proeminência de participação feminina ao longo de seu cumprimento.

- A presença feminina em vasos de cerâmica: períodos Geométrico e Clássico

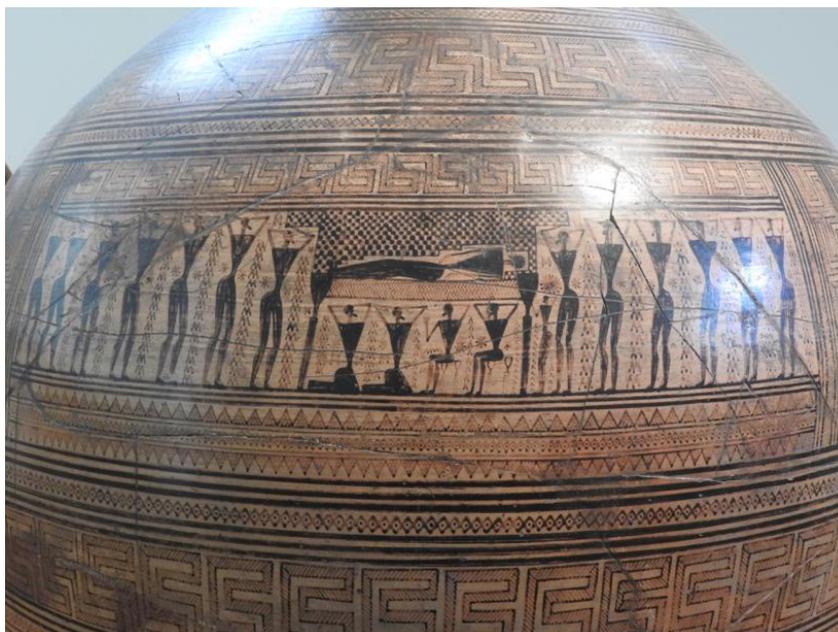
A primeira cena analisada está presente em uma ânfora de c. 760-750 a.C, proveniente da necrópole ateniense (Cemitério do Cerâmico)¹⁰. O seu estilo de pintura é o geométrico, que é marcado como formulação pictórica predominante no início do período Arcaico (VIII a.C.), e nele a *próthesis* é apresentada como a cena principal da ânfora. A *próthesis* e a *ekphorá* foram “momentos” representados pelos ceramistas da Ática em crateras e ânforas do estilo geométrico já durante o início do período Arcaico¹¹.

⁸ PEREIRA, J. M. A morte como fenômeno social: apontamentos sobre as ciências humanas e as abordagens sobre a morte. *Mythos: Revista de História Antiga e Medieval*, ano 2, n. 1, p. 106, 2018.

⁹ HOMERO. *Ilíada*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

¹⁰ A imagem e a descrição foram obtidas diretamente no Museu Arqueológico Nacional de Atenas, instituição que possui a guarda da ânfora.

¹¹ COULIÉ, A. *La Céramique Grecque aus époques géométrique et orientalisant*. Paris: Picard, 2013.



No friso onde está representada a exposição do corpo do finado, que é posto sobre uma *kliné* (móvel em que se recosta, comumente utilizada em banquetes), homens e mulheres lamentam a morte. Ao lado esquerdo da cena, sete personagens do gênero masculino possuem seus braços lançados por sobre a cabeça – signo de lamentação. Da mesma maneira, ao lado direito, são representados seis homens. Todas estas representações somam-se a mais dois do sexo masculino¹² que estão abaixo da *kliné*, sentados e também com as mãos direcionadas às suas cabeças. No entanto, a presença feminina também está contemplada na cena. As duas figuras ajoelhadas sob o corpo seriam duas mulheres em sinal de lamentação. A presença feminina nas cenas da cerâmica geométrica comumente apresenta-se como sendo as carpideiras, achando-se representadas com braços erguidos para cima¹³.

Neste momento do rito fúnebre, as mulheres também adquirem sua participação, seja sendo os familiares demonstrando a dor do luto através do gestual, seja através da entonação dos cantos fúnebres. A temática da cena e o contexto de uso do vaso marcam sua conexão com os ritos de morte, no qual o vaso serviu para o enterramento do defunto.

A segunda cena em que nos concentraremos para análise é pertencente ao período Clássico¹⁴. Esta cena desenhada¹⁵ está em um loutróforo – vaso associado ao casamento e aos

¹² Segundo a proposta apresentada pelas informações no Museu Arqueológico Nacional de Atenas, as duas figuras menores masculinas demarcariam a presença de crianças na cena.

¹³ COULIÉ, op. cit.

¹⁴ Atualmente o vaso encontra-se sob a guarda do Museu Nacional de Copenhague, inv. 9195.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

enterramentos. Datada de c. 450 a.C., a técnica empregada para a representação da exposição do corpo do defunto é a de figuras vermelhas.



Neste recorte da cena é possível ver a presença de um falecido sob a *kliné*, enrolado ou trajando uma vestimenta que lhe cobre todo o corpo, e ao seu redor a presença de cinco mulheres, todas com as mãos levantadas na direção da cabeça. O signo pictórico de sinal de luto manteve-se com o gestual de colocar as mãos próximas ou diretamente na cabeça ou aos cabelos – uma vez que puxá-los e arrancá-los durante os lamentos também compunha o imaginário de tornar a dor visível. Temos, portanto, a lamúria das carpideiras sendo expressa na imagem.

A cena da *próthesis* também aqui representada mostra-nos que “os pintores [do período clássico] evitaram representar o ritual público, o cortejo, e passaram a privilegiar o evento doméstico, a exposição do morto, na qual o controle público sobre os sentimentos familiares era ineficiente.”¹⁶ Longe de afastar as mulheres e seus lamentos, ao longo do período clássico as imagens produzidas pelos pintores continuaram a privilegiar este contexto do enterramento – as mulheres também são comumente representadas junto às tumbas dos falecidos, principalmente em cenas contidas nos léцитos de fundo branco provenientes de

¹⁵ O desenho e as informações concernentes à cena foram obtidos em CERQUEIRA, F. V. Abordagens mitológicas na iconografia funerária da cerâmica ática (510 - 450 a.C.): repensando a periodização. *Clássica - Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 27, n. 1, p. 83 – 128, 2014.

¹⁶ CERQUEIRA, op. cit., p. 87.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

Atenas. Como defende Cerqueira, durante a exposição do morto com seu corpo sendo velado por familiares e outros membros parte da rede de *philia*, as emoções eram expressas através dos lamentos causados pela perda do ente, no qual realizavam a despedida final; as mulheres tinham neste espaço, portanto, mais um local de atuação durante os ritos funerários, onde puxavam os próprios cabelos, batiam-se com as mãos na cabeça e no peito¹⁷.

Os pintores destes e de outros exemplares que nos foram legados evidenciaram a participação feminina no contexto mortuário. O enfoque dado às mulheres centrou-se na atividade do lamento, não na preparação do corpo logo no início dos ritos mortuários. Fosse no período Arcaico, fosse no período Clássico, ainda que as mudanças do momento do ritual representado tenham variado (ora na *ekphorá*, ora na *próthesis*), as mulheres não desapareceram das representações – estes são apenas dois exemplares de um amplo conjunto imagético que relaciona às mulheres com os rituais funerários.

- A relação das mulheres com os rituais funerários

Os funerais gregos eram realizados segundo um tríptico que contava primeiramente com a limpeza e cuidados com o corpo, seguida da *próthesis* (a exposição do morto) e a *ekphorá* (procissão entre a casa do falecido e o local de permanência). O processo de enterramento era finalizado com a cremação ou inumação do defunto – há considerável variação nas práticas entre os helenos temporal e geograficamente. Aos familiares era atribuída, através de estrita regulamentação, a organização e a condução dos rituais. Não seria possível, nem mesmo deveriam¹⁸, fazer uso de “técnicas de evasão” ao delegarem a terceiros as pompas fúnebres e os gestos *post-mortem*. Cabem, desta forma, às mulheres da família lavar o defunto e aos parentes coroar o cadáver. A correta realização dos ritos funerários assegura a “viagem” do morto como sendo bem-sucedida, uma vez que este pode então adentrar aos domínios de Hades, certificando-se sobre um novo espaço para ser ocupado pelo falecido em sua vida após a morte¹⁹.

Todo o caminho percorrido entre o momento de morte e sua realocação no Hades inicia-se com os rituais impetrados pelas mulheres. Homens e mulheres acabam por se diferenciar nas funções dos ritos fúnebres, para cada qual cabendo uma parte neste rito

¹⁷ CERQUEIRA, op. cit., p. 87.

¹⁸ Permitir que um indivíduo seja um *ἄταφος* – aquele que não recebe sepultura nem lamento, que não receberia as honras fúnebres – implicaria na incontida poluição e desagrado aos deuses, pois é prática de impiedade.

¹⁹ DAMET, A. Les rites de mort en Grèce ancienne. Pour la paix des vivants?. *Hypothèses*, v. 1, n. 10, p. 91, 2007.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

performático. Assim, as mulheres estavam vinculadas às questões de execução, sobretudo no que concerne ao âmbito privado, como a limpeza e demais cuidados com o corpo e as lamentações e expressões físicas de sofrimento infligidas no próprio corpo por conta da perda do falecido. Aos homens caberia, portanto, a responsabilidade pela parte pública dos rituais funerários, tal como o luto coletivamente expresso – o que pode ser compreendido como uma parte dos ensinamentos dados às gerações mais novas, onde a morte dos guerreiros devem ocorrer no interesse e benefício dos valores comuns aos membros das *póleis*²⁰.

Neste cenário de início dos ritos, comumente as atividades que ocorriam dentro de casa eram responsabilidade da mulher; a centralidade deste momento é o cuidado com o corpo. De igual maneira, as mulheres tinham nas práticas rituais mortuárias um papel que coincidia com algumas de suas tarefas diárias, tal como banhar, vestir, perfumar e arrumar. Assim como banhavam e vestiam os recém-nascidos, também faziam com o morto²¹. Após a adequação do corpo era realizada a exposição do defunto no dia seguinte de seu falecimento – não devendo durar mais do que vinte e quatro horas, pois corresponderia ao tempo necessário para a comprovação, por terceiros, de que a morte ocorreu. Todavia, como pode ser visto nas obras homéricas, sobretudo na *Iliada*, o tempo de exposição do morto poderia ultrapassar o período recomendado. A duração da apresentação do corpo do falecido era determinada principalmente pela posição social ocupada pelo morto enquanto vivo. Este tempo era utilizado, mormente, para a demonstração de dor e luto que os vivos desejavam expressar. Assim, quanto maior o tempo de exposição, maior seria a visibilidade do cadáver e do sofrimento da família, evocando a importância e a falta do morto junto ao corpo social²².

Às mulheres são, portanto, legados os ritos que se relacionam diretamente com o corpo, para que elas possam realizar a purificação dos mesmos. Deste modo era garantido o impedimento de contaminação dos homens e do corpo social. “Elas também são as que asseguram os ritos de celebração dos mortos e derramam em seu túmulo as libações consagradas”²³. Como Louise Zaidman afirma,

[...] é porque elas são ‘por natureza’, pela sua função biológica, em contato com o impuro, quer dizer, aquilo que embaça as categorias ou faz entrar em contato com o

²⁰ MIRTO, M. S. *Death in the Greek World: from homer to the Classical Age*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2012. p. 6 -7.

²¹ SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos funerários na Grécia Antiga: um espaço feminino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO, MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 1.; FÓRUM DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA, 9., 2010, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. p. 354. Disponível em: <http://neuerj.com/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

²² GARLAND, R. *The Greek way of death*. Nova York: Cornell University Press, 1985. p. 26.

²³ LAFLAMME, M. *Figures féminines de la mort en Grèce ancienne: une cohérence dans la diversité*. Dissertação (Mestrado em História) - Université du Québec à Montréal, Montreal, 2007. p. 17.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

que não deveria estar, as mulheres mantêm, aos olhos dos homens gregos, uma relação misteriosa e formidável com o sagrado.²⁴

A dor e o luto das mulheres faziam-se constantemente visível durante os ritos – propositalmente era desejada ser mostrada pela família para os membros da cidade a importância da perda. Na documentação de caráter textual e imagético podemos destacar que “a morte não era sofrida pelas personagens em silêncio: o padecimento que as afligia era comunicado e muitas vezes de maneira exacerbada. Lamentar o morto ia desde derramar lágrimas copiosas ao corte dos cabelos até mesmo a autoflagelação.”²⁵. Não somente a imputação de marcas físicas do sofrimento constituíam a prática das mulheres. Como podemos depreender da *Ilíada*, durante os rituais mortuários de Heitor, o gênero feminino também tomava parte na entoação de lamentos. Durante a exposição do falecido, os cantos fúnebres eram cantados por pessoas especializadas, assim o *θρήνος* (*thrénos*) era a entonação de um sofrimento feito por um profissional, como visto nos versos: “Mas quando chegaram ao famoso palácio, depuseram-no/ numa cama encordada; e junto dele colocaram cantores/ para darem início aos **cantos fúnebres**, ele que cantaram/ o canto de **lamentação**, ao que as mulheres se **lamentaram**.”²⁶. Todavia, no verso seguinte, “No meio delas Adrômaca de alvos braços iniciou o lamento”²⁷, vemos uma outra forma de lamento possível de ser feito durante o traslado e no momento em que o corpo é sepultado, o *γόος* (*góos*) é o lamento feito pelas mulheres, o sofrimento demonstrado pelos não profissionais.

Com o corpo limpo e untado de óleos, tendo sido exposto durante um tempo e depois trasladado para o local de sepultamento, no qual durante essas etapas foi lamentado e chorado, entoado cantos fúnebres e a dilaceração de braços e rostos, o lançar dos rostos a terra e os gemidos de lamento pelas mulheres²⁸, finalmente “O cadáver preparado segundo o costume está pronto para sua última viagem dentro do mundo dos vivos, levando-o após o

²⁴ ZAIDMAN, L. B. Les filles de Pandore, femmes et rituels dans les cités grecques. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Histoire des femmes: L'Antiquité*, tome 1. Paris: Tempus-Plon, 2002. p. 484.

²⁵ SILVA, Bruna Moraes. *As representações sociais da morte na literatura grega: uma análise comparada entre Homero e Eurípides*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. p. 69.

²⁶ “οἱ δ’ ἐπεὶ εἰσάγαγον κλυτὰ δώματα, τὸν μὲν ἔπειτα/ τρητοῖς ἐν λεχέεσσι θέσαν, παρὰ δ’ εἶσαν ἀοιδοῦς/ **θρήνων** ἑξάρχους, οἳ τε **σπονόεσσαν** ἀοιδὴν/ οἳ μὲν ἄρ’ ἐθρήνεον, ἐπὶ δὲ **στενάχοντο** γυναῖκες.” *Ilíada*, XXIV, vv. 719 – 722, grifo nosso. HOMERO. *Ilíada*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

²⁷ “τῆσιν δ’ Ἀνδρομάχη λευκώλενος ἦρχε **γόοιο**”. *Ilíada*, XXIV, v. 723, grifo nosso. HOMERO. *Ilíada*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

²⁸ De acordo com Bruna Silva, “Contudo, apesar dos funerais e os lamentos serem apontados na historiografia como um espaço de atuação predominantemente feminino, há casos em que isso não se faz possível, como verificamos na épica homérica ao analisarmos os ritos fúnebres prestados pelo exército aqueu a seus heróis. Por se encontrarem longe de seus lares, sem suas famílias, as únicas mulheres presentes em campo de batalha eram as escravas. Sendo assim, era responsabilidade quase que exclusiva dos homens a realização do lamento e do cuidado com o corpo do morto. A presença feminina que se adiciona às cativas de guerra era somente a das deusas”. SILVA, op. cit., p. 67.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

ekphorá ao seu túmulo.”²⁹. Todos estes cuidados concediam o *γέρας* (honras) ao morto, toda a sua integridade lembrada através do sofrimento deixado como marca da falta desse morto junto aos vivos. Ao longo do rito mortuário, as mulheres possuíam um papel proeminente, tanto na prática da limpeza e ornamentação do defunto, quanto na expressão visível da dor e do luto pela perda³⁰.

Além de caber a elas estas funções práticas na execução dos ritos fúnebres, a sua correta realização poderia afastar o *miasma* (poluição) da morte. Desta forma, acreditava-se que a correta realização dos ritos, por parte das mulheres, durante a *próthesis* seria a garantia de uma partida pacífica do morto, de sua *psykhé* (alma/espírito), para os domínios de Hades e, desta maneira, conteria essa poluição causada pela morte. Uma das tarefas femininas era, portanto, conter a desordem e a contaminação durante os rituais funerários³¹. Assim, as mulheres, “eram responsáveis pela saúde ritual da casa e, pela ligação que esta possuía com a cidade, da *pólis* como um todo.”³²

- Uma resposta masculina de controle: a lei de Sólon para Atenas

As mulheres possuem proeminência nos rituais funerários, sobretudo no que concerne à demonstração de dor pela perda, como vimos. Tanto a documentação textual quanto Plutarco³³, o legislador ateniense estabeleceu novas diretrizes comportamentais que deveriam ser seguidas pelas mulheres, dentre as quais temos a repreensão de excessos da consternação feminil.

Também sobre as deslocções, manifestações de luto e festividades das mulheres estabeleceu uma lei que reprimia a desordem (*ἄτακτον*) e o excesso (*ἀκόλαστον*) [...] Impediu-as de se lacerar em com golpes (*ἀμυχῶς δὲ κοπτομένων*), de fazerem lamentações (*θρηγεῖν*) fingidas e de chorarem um estranho no funeral de outras pessoas (*κωκύειν ἄλλον ἐν ταφαῖς ἐτέρων ἀφείλεν*)³⁴

A limitação da circulação feminina nos enterramentos foi devido à prática constante das famílias mais abastadas de contratarem mulheres para chorarem e sofrerem durante o enterramento de algum familiar, mesmo que estas mulheres não possuíssem qualquer relação

²⁹ DAMET, op. cit., p. 92.

³⁰ Como aponta M. Laflamme, “De fato, elas aparecem não apenas nos rituais, mas também nas cenas de oferendas. São elas que assumem a tarefa de manter o relacionamento com os mortos, pelo menos com muito mais frequência do que os homens.” LAFLAMME, op. cit., p. 17.

³¹ SOURVINOU-INWOOD, C. *‘Reading’ Greek Death: to the end of the classical period*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 9.

³² SANTOS, op. cit., p. 10.

³³ Escritor grego versado em filosofia, história, biografias, que escreveu sobretudo na passagem do século I ao II d.C.

³⁴ PLUTARCH. *Comparison of Solon and Publicola* (ed. Bernadotte Perrin). Versões em Inglês e Grego. Grifo nosso. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0034>> e <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0106>>.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

parental com a família do falecido. Tal prática visava demonstrar através da tristeza sentida a relevância do morto no meio social. Destarte, a citação destas leis feita por Plutarco demonstra a importância que, mesmo séculos depois de Sólon, permaneceu no imaginário helênico: a necessidade de controle social a partir das mulheres durante os ritos fúnebres. Das suas práticas de dilaceração do próprio corpo, da realização dos lamentos e do pranto tornavam-se interditos em enterramentos fora da parentela.

Outra passagem pertinente de Plutarco é a associação comportamental nestes contextos com as praticadas e atribuídas às mulheres. Inicialmente destacamos que o controle previsto em lei possuía um tribunal com magistrados próprios para averiguar o gênero feminino, o *γυναικονόμων*. Além disso, caberia a estes magistrados a análise dos comportamentos que se tornassem feminis durante os rituais fúnebres, de homens e mulheres. Por isso, à lei acima se complementa com

Junta-se, porém, às nossas que quem se entregar a estes excessos seja punido pelos magistrados que controlam a moralidade das mulheres (*γυναικονόμων*), por incorrerem em erro nas manifestações de luto, com atitudes nada viris (*ἀνάνδροις*) e efeminadas (*γυναικώδεσι*).³⁵

As atitudes previstas como femininas são vertidas pela compreensão daquilo que é inerentemente excessivo e desmedido. Assim, uma das principais características atribuída às mulheres era a dos lamentos, que comumente são descritos como exacerbados, por isso o controle do luto das mulheres era uma prática contínua, ao ponto de vermos na obra platônica d'*As Leis*³⁶ a defesa feita pelo filósofo no que concerne à medida efusiva das mulheres, “as leis proíbem lamentações e as que choram fora de casa durante a procissão. Essa modéstia também é defendida pelas leis ateniense e da Beócia e é retransmitida pelas palavras dos protagonistas trágicos.”³⁷. Assim, na prática dos ritos, as mulheres deveriam ser comedidas em seu sofrimento. Sob este controle, as mulheres estavam sendo limitadas pelos homens.

O objetivo de Sólon era colocar os ideais de *comunidade política* acima daqueles que eram valorizados pelos grupos *aristocráticos*. E, neste contexto, às mulheres cabiam parte deste processo de enaltecimento familiar. Parte da construção visual dos enterramentos era o sofrimento demonstrado fisicamente. Desta maneira, todas as distinções (individual ou familiar, econômica ou social) deveriam ser abolidas e “nada se constituía em tamanha

³⁵ PLUTARCH, op. cit., grifo nosso.

³⁶ A obra de Platão é publicada na segunda metade do século IV a.C., portanto anterior à produção de Plutarco a qual nos referimos anteriormente.

³⁷ DAMET, op. cit., p. 95.

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 263 - 273. ISSN: 1808-8031

evidência da presença da *hýbris* que a demonstração deliberada de riqueza.”³⁸. Riqueza esta que podia contratar inúmeras mulheres para carpir o defunto, lamuriando-se e lastimando, infligindo-se lacerações e evidenciando amargura e pesar.

- Conclusões: controle de gênero – uma questão antiga?

Controlar as mulheres, mesmo em um âmbito restrito como as questões funerárias, tornaram-se preocupações dos legisladores. Os locais de circulação e de atuação femininas apresentam-se como uma problemática tanto do mundo grego Antigo quanto de nosso próprio contexto. Pensar gênero e morte com relação às imagens da antiguidade helena mostra-nos que os campos de sua participação em meio ao corpo social políade são mais amplos do que aqueles restritos ao *oîkos*. Portanto, os procedimentos realizados pelas mulheres durante a limpeza, na qual fazem a purificação fazendo uso da água – principalmente a água salgada – para remover o sangue que suja o corpo e a impureza deste contato, previnem a “corrupção” e o contágio dessa poluição entre os vivos³⁹. O luto e a dor mostrados pela laceração dos corpos também demonstram socialmente a perda sentida por conta do defunto, tanto entre os familiares quanto em relação aos membros políades.

Com as mudanças empreendidas por Sólon, as mulheres que eram “tão valorizadas na esfera funerária tradicional, viram-se completamente excluídas desses ritos públicos, que as impediam de cumprir obrigações religiosas prescritas pela tradição.”⁴⁰. Mesmo com tais imputações legais, as representações imagéticas continuam destacando o papel feminino no rito funerário. Assim,

os pintores tenderam a retirar de seu repertório os rituais de exposição, cortejo fúnebre e enterro [em Atenas, após as leis de Sólon], uma vez que a imagem pública dessas práticas foi apropriada pelo Estado, que lhes impôs o simbolismo da ideologia políade. Não significa que as famílias não mais velassem, enterrassem e homenageassem seus mortos (isso ocorreu somente com os filhos e esposos mortos nos campos de batalha); significa, outrossim, que o Estado se apropriou do simbolismo associado a essas práticas e que a família precisou valorizar simbolicamente outras dimensões do culto e dos ritos funerários, de modo a afirmarem seu espaço.⁴¹

Mesmo com as restrições impostas, as mulheres continuaram atuando nos ritos fúnebres e em outros espaços, destacando-se diante do corpo social políade.

³⁸ MORRIS, I. *Death-ritual and social structure in classical antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 125-131.

³⁹ VERMEULE, E. *Aspects of death in early greek art and poetry*. California: University of California Press, LTD, 1979. p. 13.

⁴⁰ CERQUEIRA, op. cit., p. 88.

⁴¹ Ibid.